

## APRESENTAÇÃO

<https://doi.org/10.20873/uft2179-3948.2020v11n3p01-6>

Neide Luzia de Rezende<sup>1</sup>  
Francisco Neto Pereira Pinto<sup>2</sup>

Claudio Mello, na entrevista que realizou com Felipe Munita, mostra como fazer emergir questões essenciais para a discussão do tema em pauta. A entrevista não poderia deixar de figurar como abertura do nosso dossiê, em razão das reflexões sobre a atualidade do trabalho com a literatura realizado nas escolas – Felipe Munita é professor na Universidade Austral do Chile e pesquisador da Universidade Autônoma de Barcelona, onde teve como orientadora de doutorado Teresa Colomer, que, como ele, faz parte do grupo que ocupa hoje a centralidade do campo da didática da língua e da literatura. Munita tem escrito textos fundamentais a respeito do assunto e nesta entrevista se encontra uma síntese muito bem elaborada de suas posições, visíveis, como se disse, no percurso estabelecido pelo professor Claudio Mello, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Unicentro, de Guarapuava (PR), ele mesmo reconhecido estudioso do assunto. Destaca-se nos textos de Munita, como aqui, sua persistência em evitar estabelecer – ou reconhecer nas práticas de ensino – uma teoria ou teorias para o trabalho escolar com a literatura. Diz que diante da diversidade teórica e metodológica apresentada nas suas bases de pesquisa “é difícil falar de tendências principais”, por isso sua posição é incentivar a pesquisa-ação e os estudos de caso para entender o que ocorre com o ensino de literatura a partir da investigação de práticas reais no contexto da sala de aula.

Neste dossiê, ainda que não houvéssimos estipulado tal viés como critério para a submissão, a maioria dos artigos enviados à revista e aceitos para publicação pelos avaliadores acabou convergindo para essa perspectiva metodológica de análise e comentário dos dados coletados, seja em sala de aula junto a **alunos da educação básica**, seja na no **ensino superior** ou nas redes públicas de ensino, visando à formação de professores, numa tendência à pesquisa-ação. De modo geral, são trabalhos realizados no âmbito da pós-graduação, alguns de mestres e doutorandos, cujos artigos são assinados em parceria com os orientadores, outros, de autoria dos próprios professores-pesquisadores. Ao organizar as seções, o primeiro agrupamento corresponde àquelas pesquisas cujo campo foi a educação básica, em seguida vem o bloco dos

---

<sup>1</sup>Professora da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - neirez@usp.br

<sup>2</sup> Centro Universitário Presidente Antônio Carlos – Unitpac – fneto@uft.edu.br

estudos do campo da educação superior, e na sequência outras configurações de acercamento dos artigos, explicitadas mais à frente.

Essas contribuições chegaram de vários lugares do país, de regiões metropolitanas e de pequenas cidades do interior, a maioria tratando de situações de leitura de literatura na escola. Ao mesmo tempo em que os textos procuram trazer a voz dos estudantes – crianças, jovens ou adultos – suas ideias, percepções e sentimentos em relação ao lido, também o investimento desses autores busca a fomentação da leitura em prol de um ensino democrático. Ouvir o estudante e abrir para o diálogo, apostando na emersão de ideias e visões de mundo procedentes de universos culturais distintos, indiciam a dimensão política no interior do trabalho didático – compreender para intervir. Essas atividades que incluem a participação ativa do leitor e a leitura subjetiva perpassam, sem exceção, os artigos desses dois maiores conjuntos (situações do ensino básico e do ensino superior), e, seguindo uma tendência que se mostra promissora, abrem para uma vertente de trabalho na escola há muito reivindicada por grandes autoras brasileiras que nas últimas décadas têm escrito sobre ensino de literatura – evito citá-las uma vez que sem dúvida não abarcarei todas, mas não resisto a trazer o nome de Regina Zilberman e sua incessante produção acadêmica sobre a recepção da literatura.

Assim, pois, ainda que tais pesquisas se desenvolvam a partir de situações vivenciadas em sala de aula, as metodologias e estratégias confluem para pressupostos teóricos que, nas últimas décadas – diante da evidenciação do desinteresse dos alunos pelas práticas escolares de leitura de literatura e da falência da função da literatura enquanto formação e educação – têm investido na educação literária tendo como questão central a leitura, atividade que implica aquele que lê e interage com o lido e não aquele que somente aprende sobre o texto e o autor. Esses pressupostos teóricos se explicitam de modo mais ou menos claro, mais ou menos amadurecido, em vários artigos que se abrem para duas frentes teórico-metodológicas discerníveis – a leitura literária e o letramento literário – ainda que evidentemente não sejam as únicas correntes observadas, mas talvez as mais visíveis e recorrentes.

O letramento literário, gerado no interior do grupo de pesquisa fundado por Magda Soares, no CEALE (Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita), na UFMG, tem em Rildo Cosson seu pesquisador principal e mais conhecido. A conceituação do letramento literário presente, como indicação teórica principal explícita em vários textos (naqueles de Vera Medeiros; Hellen Rodrigues et al.; Helen Garcia e Zila Rêgo; Naiane Reis; Erick Santos e Valdirene Batista; Julio Ferreira e Carlos Magno; Paula Gomide e Maria do Socorro Macedo; Maria Inês Campos, Luciana Taraborelli e Viviane Leite). Observa-se em alguns desses artigos

que a mobilização tanto do percurso sugerido na proposta teórico-metodológica de Letramento Literário quanto das etapas da sequência didática expandida dela decorrente e utilizada em parte desses artigos às vezes deixa na sombra algumas das etapas requeridas pelo modelo, como a volta ao texto depois da leitura subjetiva – decerto uma possível leitura enviesada do método, mas que compreensivamente revela essa necessidade de oferecer ao estudante a possibilidade de manifestar sua subjetividade, antes considerada imprópria para ao ensino. De resto, é uma excelente oportunidade para o próprio autor do método – presente com artigo neste dossiê – verificar a apropriação que se faz de seu trabalho. O artigo de Rildo Cosson contribui para não somente explicitar sua perspectiva teórica, como também, a partir de sua experiência profissional, mostrar outras possibilidades didáticas no caminho palmilhado até agora, ao repropor o letramento literário a futuros professores, alunos de um curso de licenciatura, mediante a estratégia da “leitura cumulativa”.

Quanto à outra vertente, bastante funcionalizada neste dossiê, a leitura literária, tem a pesquisadora francesa, Annie Rouxel, como a autora mais citada, ao lado de outros autores presentes no livro publicado por nós aqui no Brasil (*Leitura subjetiva e ensino de literatura*). Para esses autores, é importante implicar o aluno na leitura do texto literário na escola e valorizar a dimensão subjetiva de sua leitura na articulação com a leitura interpretativa e outras dimensões igualmente relevantes, conforme mostra a apropriação feita por Raquel de Souza e Souza, ao evidenciar objetivos como “o desenvolvimento da competência leitora (progresso cognitivo-afetivo), do comportamento de leitor (participação em comunidades leitoras) e da identidade leitora (construção de repertório e elaboração de si”. Assim, reencontramos a presença dos autores franceses voltados para o sujeito leitor explicitados em artigos assinados por outros autores deste dossiê, além de Souza e Souza, como Nathalia Cardoso, Patricia Sodré e Arlene da Silva, em Júlio Ferreira e Carlos Magno Gomes, Chirley Domingues et. al.

Entretanto, é fundamental lembrar que tais referências vêm acompanhadas de outras que também circulam, tanto no âmbito da didática, quanto da filosofia, da sociologia, da antropologia, da psicologia etc., áreas que nas últimas décadas têm permeado os estudos voltados para a recepção da literatura na escola e se juntam para refletir sobre formas de intervenção na áreas de atuação dos pesquisadores (Julio Ferreira e Carlos Magno, por exemplo, que buscam “articular a “leitura subjetiva” com o “modelo cultural de leitura” e reclamam para seu trabalho o “equilíbrio entre uma leitura subjetiva e uma leitura social”). Ocorre também de haver articulação entre a perspectiva do letramento literário e da leitura literária.

Para potencializar essa discussão sobre leitura literária temos a felicidade de contar com um texto de Brigitte Louichon – traduzido por Dayb Oliveira e por Neide Rezende, respectivamente, orientanda de doutorado de Louichon e coorientadora de Dayb –, co-autora de obras com Annie Rouxel e participante do grupo de pesquisadores da Didática da Literatura na França. Temos então, no afincado de Louichon para a apreensão das acepções de Leitura Literária, garimpadas em vários autores (“protonoção”, “conceito”, “noção”, “paradigma?”), as diferenças às vezes sutis dessas acepções que mostram como o termo é utilizado nos discursos de diferentes autores – num arco que vai desde a leitura subjetiva até a leitura escolar – mas implicando, em todas as acepções, a leitura efetiva da obra.

No Brasil, a disseminação da noção (?) levou a, por vezes, associar de modo muito restrito a leitura literária à leitura subjetiva, talvez – penso eu – pela gana de romper com aquele ensino distanciado e desinteressado que afasta os jovens estudantes da literatura. Mas o equilíbrio entre os dois regimes de leitura – “unas formas de pensamiento sobre el texto y unas formas de goce o fruición del lector durante la lectura” – de que fala Munita, parece também se colocar como um horizonte das práticas efetivas em didática da literatura, como testemunham alguns trabalhos aqui reunidos, o que indica um nível de maturidade a que está chegando o próprio campo de estudos, fruto, é claro, dos muitos estudos que vêm sendo desenvolvidos desde pelo menos fins da década de 1970 no Brasil.

Além desses dois grandes blocos, outros agrupamentos de textos foram possíveis, como aqueles voltados mais diretamente para a escrita literária, um conjunto que agrupa tanto aspectos teóricos, como o de Maria Celeste de Souza, fundamentado em Paul Ricoeur, em que há uma preocupação com a compreensão dos professores dos modos de generalizar a experiência por meio da ficcionalização, como aqueles praticados tanto em sala de aula (Mei Hua Soares; Rosana Valtão e Eudma Elisbon, que articularam leitura e escrita na experiência da sala de aula) quanto na internet (de Sarah Soares). Todos, a exemplo dos textos voltados para a leitura, colocam em movimento a participação ativa do sujeito.

Estão presentes também outros textos que não formam conjuntos, mas são igualmente vinculados à educação literária e buscam novas perspectivas para o ensino, como o artigo sobre biblioteca escolar de Regina Garcia Brito, o artigo de Vita Ichilevici, sobre o “politicamente correto” nos livros da infância. Destaco por fim o artigo de Clécio Bunzen e Lucas Santos, **Escolhas literárias e o uso de antologias poéticas em sala de aula do Ensino Médio**, que discute o papel primordial do professor como intermediário entre os leitores escolares e os textos, e tem a peculiaridade de ser o único dos artigos que trata de poesia na escola.

Como mostra este dossiê, a distância entre universidade e escola, teoria e sala de aula se encurta, tendo como consequências práticas mais teoricamente orientadas e teorias mais afinadas com as realidades com as quais dialogam.

Este dossiê contou com a edição exaustiva tanto dos seus editores, Francisco Neto Pereira Pinto e Neide Rezende, quanto da revisora, Vita Ichilevici, a quem será necessário aqui agradecer pelo trabalho voluntário, pelo empenho e responsabilidade com que aceitou o pedido de sua orientadora, uma vez que a revista, a exemplo de outras publicações acadêmicas, não possui pessoas para cuidar de todo o fluxo e das etapas da revista, desde a submissão até a publicação. Agradecemos também a colaboração de Maria Celeste de Souza na revisão e no fluxo dos artigos no período inicial dos trabalhos.

Consideramos necessária tal explicação sobre os percalços da edição do dossiê para evidenciar as dificuldades de monta que nossas revistas acadêmicas, pelo menos da área de Humanas, têm enfrentado para responder a uma posição meritosa no Qualis da CAPES, uma vez que as verbas para todo e qualquer procedimento administrativo-acadêmico, assim como para outras destinações dessa e de outras áreas afins, têm sido desconsideradas e/ou negadas.

Muitas vezes, nós, editores, fizemos intervenções em várias versões dos artigos, com mais ou menos aceitação por parte dos autores – o processo de edição e revisão de artigos é no mais das vezes um processo doloroso para o autor, que nem sempre considera justa a intervenção proposta pelo outro. Assim, esperamos que o resultado – o texto final aceito pelo autor, em sua última versão e a organização geral do dossiê – possa configurar como contribuição para a discussão do ensino de literatura, assim como têm feito várias outras revistas acadêmicas nos últimos anos, movimento potencializado por eventos da área de ensino de língua e literatura que congregam diferentes pesquisadores e grupos.

Também tivemos a enorme infelicidade de produzir a revista no pior ano de nossas vidas, que ainda não terminou. Prevíamos finalizar os trabalhos no meio do ano de 2020, mas além dos problemas já apontados, sucumbimos à avalanche de novas e pouco conhecidas empreitadas decorrentes da pandemia, o que tornou mais agudas as dificuldades enfrentadas, incidindo no atraso da edição.

Por fim, quero agradecer a Luiza Helena Oliveira da Silva, editora geral da revista, que ofereceu a nós a edição deste dossiê, cujo tema representa a porção mais extensa – e estimulante – de nosso trabalho.

02/03/2021.